

Geografia brasileira: novas e velhas leituras sobre Ratzel

Edgard Vieira Guerra¹

Nayara da Silva Costa²

Resumo

Este trabalho pretende algumas das polêmicas a respeito do pensamento de F. Ratzel contidas em algumas das principais indicações bibliográficas dos cursos de graduação em Geografia no Brasil. Esse é o caso da afirmação do “determinismo ratzeliano”, e ensinada logo no primeiro ano dos cursos de formação de geógrafos e professores de Geografia. Tendo em vista a evidente importância desse geógrafo alemão na institucionalização da Geografia, faz-se necessário estudá-lo e tentar compreender suas formulações teóricas. Para isso, é fundamental considerar o momento histórico por ele vivenciado, numa tentativa de livrar-nos dos equívocos e reducionismo constantes nas principais referências bibliográficas brasileiras que sistematizam o pensamento geográfico.

Palavras-chave: Ratzel; Geografia brasileira; Determinismo.

Resumen

Este estudio aborda la controversia Ratzel pensado algunos de los principales bibliográfica en la Geografía pregrado en Brasil. Vamos a destacar una de estas controversias que se transmiten en el primer año de graduación, bajo la afirmación de “determinismo ratzeliano”. Dada la evidente importancia de la Geografía alemana e la institucionalización de la Geografía, es necesario estudiar y tratar de entender sus formulaciones teóricas. Por lo tanto, es esencial tener en cuenta el momento histórico que vivía en un intento de deshacerse de ideas erróneas y el reduccionismo de la historia de sistematización de la Geografía brasileña.

Palabras clave: Ratzel; Geografía Brasileña; Determinismo.

¹ Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Contato: edguerra.ufrn@gmail.com

² Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Contato: nayara_costa22@hotmail.com

Introdução

É inegável a importância histórica do pensamento de F. Ratzel, expresso em suas obras elaboradas ainda no século XIX, e que contribuíram para o estabelecimento da Geografia como ciência. No entanto, percebe-se na produção científica brasileira e além dela que um Ratzel estigmatizado como determinista e, por vezes, ainda que implicitamente, suas ideias são ridicularizadas, vistas como um disparate diante do “avanço da teoria geográfica”.

Essas leituras críticas da obra ratzeliana não captam o momento histórico de sua produção, nem alcançam transpor sua matriz interpretativa geopolítica para explicar os acontecimentos contemporâneos. Afinal, só faz sentido falarmos de uma Geografia Política no início do século XXI se aceita a ideia preliminar de que a Geografia Política do século XIX também fazia sentido.³

Assim sendo, para o desenvolvimento deste trabalho analisaremos duas obras de geógrafos brasileiros, produtos da chamada Escola Francesa de Geografia, no que dizem respeito ao estudo do período introdutório da ciência geográfica, com ênfase nas menções acerca de Friedrich Ratzel e suas contribuições. Cabe destacar que esses livros são considerados de leitura obrigatória na disciplina de Introdução à Geografia em muitos cursos de Geografia no Brasil, constituindo-se, dessa forma, no contato inicial dos futuros profissionais da Geografia com as teorias ratzelianas.

A metodologia visa confrontar as afirmações dos autores dessas duas obras analisadas com outros autores mais ligados a uma espécie de “revisonismo ratzeliano” que buscam demonstrar as possíveis causas dos equívocos interpretativos de seus críticos e a quem interessou essa estigmatização do geógrafo prussiano.

O determinismo Ratzeliano na Geografia brasileira

A primeira análise de referência bibliográfica usada nos cursos de Geografia brasileiros é o livro *Geografia: Introdução à ciência Geográfica*, de Auro de Jesus Rodrigues. Neste livro, o autor apresenta as ideias de Ratzel já a partir de um tópico

³ Sobre isso, Castro (2005) alerta que o *espaço* é sempre conflituoso, e somente torna-se inteligível quando compreendido num contexto histórico marcado pelas disputas de interesse entre os agentes em conflito.

intitulado “*O Determinismo na Geografia: Friedrich Ratzel*”. A segunda referência que destacaremos trata-se do livro *Geografia: pequena história crítica*, de Antonio Carlos Robert Moraes, especialmente o capítulo 5 denominado “*Ratzel e a Antropogeografia*”.

Iniciaremos com *Geografia: introdução à ciência geográfica*, onde Rodrigues (2008) traz um histórico dos grandes acontecimentos da ciência geográfica, distribuída em 6 capítulos, seguindo uma ordem cronológica dos acontecimentos. Assim, o primeiro capítulo aborda os métodos pioneiros da ciência geográfica e a construção de seu objeto de estudo. No segundo capítulo, o autor estabelece uma linha cronológica fazendo referência a *Geografia na Antiguidade*; o terceiro capítulo é dedicado à *Geografia na Idade Média*; no quarto capítulo tem-se a *Geografia Moderna*; e no quinto capítulo a *Geografia Contemporânea*. O sexto e último capítulo aborda a *Geografia: sociedade e natureza*, que tem por objetivo ressaltar os grandes problemas atuais dessa ciência.

Para fins deste estudo, iremos nos deter ao quarto capítulo, *Geografia Moderna*, onde Rodrigues (2008) inicialmente destaca os autores que fundamentaram a Geografia enquanto ciência, iniciando por A. Humboldt e K. Ritter. Nosso interesse, no entanto, reside no item 4.2, denominado pelo autor de “*O Determinismo na Geografia: Friedrich Ratzel*”, onde já fica evidente a vinculação entre F. Ratzel e o determinismo geográfico no pensamento do autor.

Rodrigues (2008) ressalta o contexto histórico-geográfico da Alemanha quando da formulação das ideias ratzelianas. Assim, o autor destaca a situação singular vivenciada pelos alemães em fins do século XIX, onde inexistia um Estado Nacional Unificado ou mesmo uma monarquia absoluta; uma vez que o poder estava nas mãos dos grandes proprietários de terras e, disperso, impedia a formação de um centro econômico forte e organizador dos territórios majoritariamente habitados por alemães. O resultado traduzia-se em diversas disputas de fronteiras e no atraso econômico da maioria dos “Estados” alemães.

As dificuldades de organização e integração territorial do povo alemão fez surgir nas classes dominantes a ideia de unificação nacional. Esta unificação necessitava de estímulos e de justificação convincente, e foi aí que emergiu a importância da Geografia e do pensamento de Ratzel, como destaca Rodrigues (2008).

Alcançada a unificação nacional sob o comando do também prussiano Otto von Bismarck, a Alemanha ainda sofria com problemas relativos a organização do espaço

geográfico. Havia a necessidade de manter a unidade da nação, e o crescimento da produção industrial exigia a ampliação de mercados consumidores e ainda o acesso a mercados fornecedores de matérias-primas. Desse modo, Rodrigues (2008, p. 75) coloca que “para justificar a unificação, o nacionalismo e o expansionismo foram às ideias de Ratzel um instrumento poderoso de legitimação e expansionismo do Estado alemão recém-constituído”.

Rodrigues (2008) ressalta que a principal obra de Ratzel foi *Antropogeografia*, e que, em decorrência desta, foi considerado o fundador da Geografia Humana. Entretanto, salienta que esse enfoque antropogeográfico ratzeliano está limitado pelas consequências do meio onde vivem os homens, pois que Ratzel estudaria o desenvolvimento dos povos sob a influência do meio natural, o chamado determinismo ambiental.⁴

Segundo Rodrigues (2008), Ratzel sofreu influência do evolucionismo darwiniano e do positivismo científico, e por essa razão, seus estudos buscavam justificar a superioridade europeia, como uma civilização mais dinâmica em relação aos povos colonizados, considerados selvagens. Ratzel teria demonstrado essa influência naturalista em sua comparação da sociedade a um organismo que mantém fortes ligações com o solo.

A sociedade ao se organizar para defender seu solo ou território, transforma-se em um Estado. O território seria a condição de existência de uma sociedade, e é nesse sentido que, para Rodrigues (2008), Ratzel elaborou o conceito de “espaço vital”, que consiste no equilíbrio entre a população e os recursos disponíveis para a sobrevivência.

Segundo Rodrigues (2008), Ratzel, juntamente com seus discípulos, forma a “Escola Determinista de Geografia”, onde buscavam evidências empíricas para comprovar a influência do meio natural sobre a humanidade, considerando como premissa fundamental “o homem como produto do meio natural”.

Já no livro *Geografia: pequena história crítica* percebe-se que Moraes (2005) elabora uma crítica ferrenha à geopolítica, que, segundo Albuquerque (2011, p. 22), representa “Outro manual adotado amplamente nos cursos de graduação em Geografia que reproduz as críticas francesas contra a geopolítica”. Antônio Carlos Robert Moraes (2005) também traz uma breve reconstituição do momento histórico alemão vivenciado

⁴ Para Rodrigues (2008), Ratzel definiu o objeto da geografia como o estudo da influência das condições naturais sobre a humanidade.

por Ratzel, e afirma que enquanto Humboldt e Ritter vivenciaram o aparecimento do ideal de unificação alemã, Ratzel vivencia a constituição real do Estado nacional alemão e suas primeiras décadas de vida política.

A Geografia de Ratzel teria sido um instrumento poderoso de legitimação dos desígnios expansionistas do Estado alemão recém-constituído, daí que Moraes (2005) resgata o francês L. Febvre, que denominou a geopolítica de “manual de imperialismo”.

Constata o autor que “a proposta da unificação constava no ideário dos revolucionários, o que, por reflexo, reforçou-a com as próprias classes dominantes locais, que perceberam o respaldo das massas a unificação”. (MORAES, 2005, p. 68). E que diante do fato de que “as relações capitalistas penetraram tardiamente neste país” (MORAES, 2005, p. 68), a saída conservadora da elite alemã seria O projeto expansionista e imperialista bismarckiano:

Uma grande repressão social interna e uma agressiva política exterior completam o quadro da Prússia em 1871, ano de constituição do império alemão. Estas características do prussianismo foram passadas para o conjunto da Alemanha, através de uma política cultural nacionalista, estimulada pelo Estado, que colocava os próprios elementos da situação de atraso social como peculiaridades do “espírito” ou da “alma” alemã. Tal ideologia chauvinista assentava-se numa política exterior agressiva e expansionista. [...] Essa unificação reacionária, essa organização militarizada, esse expansionismo latente do Estado alemão podem ser explicados pela situação concreta da Alemanha, no contexto europeu; como bem definiu Poulantzas, ela era “um elo débil da cadeia imperialista”. (MORAES, 2005, p. 68).

Utilizando fragmentos isolados da obra de Ratzel, Moraes (2005) afirma que o geopolítico alemão foi um típico intelectual engajado no projeto estatal, cuja obra busca legitimar o expansionismo bismarckiano. Assim, a Geografia de Ratzel expressaria diretamente um elogio ao imperialismo ao pregar que “semelhante à luta pela vida, cuja finalidade básica é obter espaço, as lutas dos povos são quase sempre pelo mesmo objetivo. (E) Na história moderna a recompensa da vitória foi sempre um proveito territorial”. (MORAES, 2005, p. 69).

É clara a intenção de “demonizar” F. Ratzel ao associá-lo aos projetos expansionista e colonialista alemão, especialmente a partir da exposição do conceito de “espaço vital”:

Ratzel elabora o conceito de “espaço vital”; este representaria uma proporção de equilíbrio entre a população de uma dada sociedade e os recursos disponíveis para suprir suas necessidades, definindo, portanto, suas potencialidades de progredir e suas premências territoriais. É fácil observar a íntima vinculação entre as formulações de Ratzel, sua época e o projeto imperial alemão. Esta ligação se expressa na justificativa do expansionismo como algo grande e inevitável numa sociedade que progride, gerando uma teoria que legitima o imperialismo bismarckiano. Também sua visão do Estado como um protetor acima da sociedade vem no sentido de legitimar o Estado prussiano, onipresente e militarizado. (MORAES, 2005, p. 70-71).

Ao longo do livro de Moraes, percebe-se que o autor tem o devido cuidado de mostrar que Ratzel falava apenas de influências da natureza sobre o homem. Entretanto, acaba por reduzir a complexidade do pensamento do geógrafo alemão ao conceito de espaço vital, e ainda profundamente deturpado por supostamente traduzir uma visão naturalizante e mecanicista do “método ratzeliano”. Segundo Moraes (2005, p. 69-70):

O principal livro de Ratzel, publicado em 1882, denomina-se *Antropogeografia- fundamentos da aplicação da Geografia á História*; pode-se dizer que esta obra funda a Geografia Humana. Nela, Ratzel definiu o objeto geográfico como o estudo da influência que as condições naturais exercem sobre a humanidade. [...] Em segundo lugar, a natureza influenciariam a própria constituição social, pela riqueza que propicia, através dos recursos do meio em que está localizada a sociedade. [...] Ratzel realizou extensa revisão bibliográfica sobre o tema das influências da natureza sobre o homem, e concluiu criticando as duas posições mais correntes: a que nega tal influência, e a que visa estabelecê-la de imediato. Diz ele que estas influências vão se exercer mediatizadas, através das condições econômicas e sociais.

Mas Ratzel afirma claramente que “estas influências (da natureza) vão se exercer mediatizadas, através das condições econômicas e sociais”, tornando insustentável qualquer estigmatização que lhe atribuem no sentido do determinismo ambiental. Apesar de trazer estas citações de Ratzel no livro de mesmo nome, Moraes as deixa apenas no apêndice, voltando a “demonizar” Ratzel por ter se utilizado de expressões da biologia e mesmo adotar método próximo das ciências naturais, especialmente a relação causa-efeito tão caras aos positivistas:

Em termos de método, a obra de Ratzel não realizou grandes avanços. Manteve a idéia da Geografia como ciência empírica, cujos procedimentos de análise seriam a observação e a descrição. Porém, proponha ir além da descrição, buscar a síntese das influências na escala planetária. [...] De

resto, Ratzel manteve a visão naturalista: reduziu o homem a um animal, ao não diferenciar as suas qualidades específicas; desse modo, propunha o método geográfico como análogo ao das demais ciências da natureza [...]. Daí, o mecanicismo de suas afirmações. Ratzel, ao propor uma Geografia do Homem, entende-se como uma ciência natural. (MORAES, 2005, p. 71).

O que Moraes não evidencia, é que naquele período todas as ciências estavam influenciadas pelo positivismo. Isto não transforma as ciências em deterministas, muito menos em deterministas ambientais. Esse salto somente é possível quando Moraes estabelece um “pecado original” no pensamento ratzeliano ao vincular o movimento da sociedade ao darwinismo social.

Ora, a visão de Ratzel com um darwinista social é outro grande equívoco, pois reduz a complexidade das relações sociedade - solo - Estado no pensamento ratzeliano às metáforas orgânicas utilizadas nas principais obras de Ratzel. O recurso aos referências da biologia influenciados pelo darwinismo eram, naquele determinado período, um modismo, e pode-se dizer que Ratzel o fez tão somente para tornar seus estudos mais didáticos. Como nos alerta Carvalho (n.d., p. 7):

Na construção dessa concepção, no entanto, o próprio Ratzel admite ter partido das analogias e imagens comumente empregadas, “por aqueles que não estão preocupados com justificativas profundas” (Ratzel, 1988: 11) [...]. Tais imagens são obviamente emprestadas dos termos usualmente aplicados na descrição das dinâmicas físico-biológicas. E o seu caráter metafórico, quando da aplicação á dinâmica humana, não deixa de ser sugerido por Ratzel.

É verdade que ao menos Moraes explica que foram os discípulos de Ratzel que radicalizaram suas colocações e constituíram a escola determinista, ao contrário do que salienta Rodrigues (2008). Explica ainda que eles partiram da definição de Ratzel do objeto da geografia e simplificaram-na:

Os discípulos de Ratzel radicalizaram suas colocações, constituindo o que denomina “escola determinista” de Geografia, ou a doutrina do “determinismo geográfico”. Os autores dessa corrente partiram da definição ratzeliana do objeto da reflexão geográfica e simplificaram-na. Orientaram seus estudos por máximas como “as condições naturais determinam a História” ou “o homem é um produto do meio”-empobrecendo bastante as formulações de Ratzel, que falava de influências. (MORAES, 2005, p. 71).

Dessa maneira, Albuquerque (2011, p.18) afirma que, embora acusado de “determinismo ambiental”, particularmente a partir da releitura dos possibilistas franceses, nada se encontra em seus escritos [...]. Ao contrário, textualmente Ratzel afirma “A civilização é independente da natureza não no sentido da completa libertação, mas no sentido de uma ligação mais diversificada, mais ampla e menos imperiosa”.”

Mas Moraes (2005, p.72) volta a criticar Ratzel na utilidade do saber geopolítico enquanto teoria que operacionalizava e legitimava o imperialismo:

Outro desdobramento da proposta de Ratzel manifestou-se na constituição da Geopolítica. Esta corrente, dedicada ao estudo da dominação dos territórios, partiu das colocações ratzelianas referentes a ação do Estado sobre o espaço. Esses autores desenvolveram teorias e técnicas que operacionalizavam e legitimavam o imperialismo. Isto é, discorriam sobre as formas de defender, manter e conquistar os territórios.

Para Moraes, a Geografia francesa é uma resposta as formulações de Ratzel, e indica a principal contribuição desse autor, embora este o tenha feito de forma naturalizante e para legitimar interesses contrários ao humanismo:

Pelos desdobramentos expostos, pode-se avaliar o peso da obra de Ratzel na evolução do pensamento geográfico. A própria Geografia francesa, que será vista a seguir, é uma resposta às formulações desse autor. A importância maior de sua proposta reside no fato de haver trazido, para o debate geográfico, os temas políticos e econômicos, colocando o homem no centro das análises. Mesmo que numa visão naturalizante e para legitimar interesses contrários ao humanismo. (MORAES, 2005, p. 74).

Novas Leituras: Algumas Ponderações

É necessário frisar que não são apenas estes dois renomados geógrafos brasileiros que estigmatizaram Ratzel e suas teses. Essas incompreensões se apresentam como um reflexo da própria história da Geografia brasileira que teve como base a Geografia francesa. Segundo Albuquerque (2011, p. 22):

É preciso lembrar que a institucionalização acadêmica da Geografia brasileira ocorre com a ajuda de mestres franceses e, até hoje, a bibliografia francófona e os cursos de pós-graduação em universidades francesas formam a maior parte da demanda dos geógrafos brasileiros [...]. Assim, efetivamente, é pela “Escola Francesa” que a crítica á geopolítica clássica ingressa no Brasil.

No início dos anos 1970, a Escola Francesa de Geografia se transmuta da tradicional Geografia Regional numa Geografia Crítica, dominada pela corrente marxista. Como menciona Albuquerque (2011, p. 2), a 'escola Francesa' vai encontrar no discurso crítico subsídios para renovar sua cruzada contra a "produção de discursos estatais e nacionalistas" e cuja matriz estaria na geopolítica clássica, especialmente ratzeliana.

Também devemos atentar para as intencionalidades ocultas na "demonização", a partir da França, da geopolítica clássica, como nos alerta Albuquerque (2011). Afinal, a França sempre fora a nação mais hostil ao germanismo, desde o insucesso napoleônico na guerra franco-prussiana até as revisões das fronteiras franco-alemãs pretendidas por esta última no período das duas guerras mundiais. A França olhava com desconfiança os políticos e militares alemães, e também os intelectuais daquele país, tanto assim que tratou rapidamente de copiar dos alemães a criação da disciplina de Geografia nas escolas francesas, sem entretanto copiar os autores alemães.

A obra de Ratzel deve ser interpretada em sua devida contextualização histórica e geográfica, mas não apenas da Alemanha, mas do conjunto das nações europeias; caso contrário, suas teorias tornar-se alvo de distorções e manipulações. Manipulações a partir do lado francês da produção do conhecimento geográfico, mas também manipulações a partir da adoção dos pressupostos marxistas na Geografia Crítica francesa e brasileira.⁵

O espaço geográfico é em Ratzel um conceito mutável, em decorrência do momento histórico, e mesmo a posição estratégica pode ser redefinida. Percebe-se que o geógrafo alemão não considera a categoria Estado nacional eterna ou a posição estratégica imutável, pois deve-se levar em consideração as mudanças decorrentes do momento histórico. Nesse sentido, onde mesmo se encontra o determinismo geográfico ratzeliano?

Considerações Finais

Embora nos cursos de graduação em Geografia do Brasil ainda persistam leituras equivocadas a respeito do pensamento ratzeliano produzidas a partir de obras de formação amplamente disseminadas, percebe-se nos dias atuais, o surgimento de vozes destoantes que buscam revisar e atualizar o pensamento deste importante pensador geógrafo do século XIX.

⁵ De acordo com Castro (2005), é impossível ignorar que o conhecimento produzido por qualquer disciplina certamente poderá ser apropriado e utilizado pelo poder, por qualquer poder.

Essa espécie de “revisionismo” da produção ratzeliana nos leva a pensar o contexto histórico vivenciado por Ratzel, extrapolando a realidade alemã na direção do entendimento das grandes questões colocados no âmbito do sistema internacional de poder. Nos conduz também a refletir sobre os verdadeiros interesses por detrás das tentativas de denegrir as formulações do geógrafo alemão, provocando também uma “história crítica” da crítica ao pensamento ratzeliano.

Enfim, continua importante olharmos com mais atenção os escritos desse pensador, refletindo a contemporaneidade de algumas de suas teorias, o que esperamos seja realizado em trabalhos futuros.

Referências

ALBUQUERQUE, Edu Silvestre. **Uma breve história da Geopolítica**. Rio de Janeiro: CENEGRI, 2011.

CARVALHO, Marcos B. Ratzel: releituras contemporâneas. Uma reabilitação? Disponível em: <www.ub.edu/geocrit/b3w-25.htm>. Acesso em 29 de Janeiro de 2012.

CASTRO, Iná Elias de. **Geografia e política: território, escalas de ação e instituição**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. 20^a Ed. São Paulo: Annablume, 2005.

RODRIGUES, Auro de Jesus. **Geografia: introdução à ciência geográfica**. São Paulo: Avercamp, 2008.

Recebido em Abril de 2012.

Publicado em Julho de 2012.